

# A multifuncionalidade do conectivo *e*<sup>1</sup>

Eduardo Penhavel<sup>2</sup>

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
R. Sérgio Buarque de Holanda, 571, Caixa Postal 6045, CEP 13083-970, Campinas - SP - Brasil  
eduardopenhavel@yahoo.com.br

**Resumo:** *Este trabalho apresenta uma descrição e uma sistematização da multifuncionalidade do conectivo e, como propostas em Penhavel (2005). Especificamente, o trabalho focaliza o modo como o traço semântico fundamentalmente aditivo se manifesta nas diferentes funções de e e discute a hipótese de que o estatuto funcional do conectivo seja o resultado de um processo de discursivização.*

**Palavras-chave:** *Conjunção; marcadores discursivos; discursivização; Lingüística Textual; Gramática Funcional.*

**Abstract:** *This paper presents a description and a systematization of the multifunctionality of connective e (and) – as proposed by Penhavel (2005). Specifically, the paper focuses on the way the fundamentally additive semantic meaning is expressed in the different functions of e and it discusses the hypothesis whereby the functional status of the connective is the result of a discursivization process.*

**Keywords:** *Conjunction; discourse markers; discursivization; Textual Linguistics; Functional Grammar.*

## 1. Considerações iniciais

Uma rápida análise de alguns minutos de interação verbal permite constatar que o conectivo *e* desempenha uma grande variedade de funções na organização do discurso e opera em diferentes domínios, componentes, níveis e camadas de representação lingüística. Esse funcionamento faz emergir a primeira e principal exigência na análise de *e*: a necessidade de olhar para o discurso em toda a sua extensão, ou seja, tanto para a organização das orações e das sentenças, quanto para a organização de grupos de sentenças que formam as diferentes unidades e subunidades em que o discurso se segmenta, e, em cada nível, considerar as determinações sintáticas, semânticas e pragmáticas da linguagem.

Vários trabalhos sobre o funcionamento de *e* já foram realizados, conforme atesta a bibliografia sobre o assunto. A grande maioria deles se voltou para o papel do conectivo na organização inter e intra-sentencial, no âmbito dos estudos sobre a classe das *conjunções*. Outros se concentraram sobre o uso de *e* em procedimentos discursivos mais amplos, quando o conectivo funciona como *marcador discursivo*. No entanto, a literatura parece não dispor de um trabalho mais extenso que se dedique conjuntamente a toda a multifuncionalidade de *e* e, principalmente, que considere os mais diversos usos do conectivo dentro de uma mesma concepção e de um mesmo modelo de discurso. Em outras palavras, um trabalho que trate de forma integrada e complementar as diversas

funções do conectivo, submetendo-as a um mesmo conjunto de critérios de análise (a uma mesma metodologia de investigação), e que, enfim, proponha uma sistematização o mais exaustiva possível da multiplicidade de funções do conectivo (*e*, portanto, de sua relevância) na organização do discurso.

Além disso, a classe de palavras tradicionalmente denominada *conjunção* bem como os mecanismos agrupados sob o rótulo de *marcadores discursivos* não dispõem ainda (principalmente no segundo caso) de definições e delimitações satisfatoriamente bem fundamentadas. Muitos itens funcionam em certos casos como *conjunção*, em outros, como *marcador*, e inexistem critérios mais rígidos que estabeleçam a relação entre essas duas funções e que permitam determinar precisamente, em cada uso particular, a natureza gramatical e funcional desses itens. Considerando que *e* ora funciona como uma *conjunção* prototípica (um *coordenador* (DIK, 1997), como adotado aqui), ora opera tipicamente como um *marcador discursivo*, e ora apresenta usos de difícil classificação entre uma função e outra, a análise “completa” da multifuncionalidade do conectivo pode reunir contribuições para uma conceituação mais precisa dessas duas classes e para o estabelecimento da fronteira que as separa, seja essa de natureza discreta ou gradual.

É, portanto, basicamente nesse contexto que proponho a descrição e sistematização da multifuncionalidade de *e*, conforme apresentado no quadro abaixo<sup>3</sup>.

#### Funções do conectivo *e* no discurso

focalização	}	<i>e</i> -marcador discursivo (articulação de unidades discursivas)
manutenção/assalto de turno conversacional		
introdução de tópico discursivo		
distinção de unidades discursivas		
seqüenciamento retroativo-propulsor	}	
coordenação de orações sem equivalência funcional	}	<i>e</i> -coordenador (coordenação de orações)
coordenação de orações assimétrica		
coordenação de orações simétrica		
coordenação entre posições de termos	}	<i>e</i> -coordenador (coordenação de termos)
coordenação no interior de posições de termos		

As funções de *e* elencadas acima são definidas em Penhavel (2005) como segue:

**Focalização:** função discursiva predominantemente interpessoal, pela qual o falante

lança mão do valor semântico aditivo de *e* e utiliza o conectivo para introduzir um constituinte, ou um segmento de discurso maior, atribuindo-lhe um valor de ênfase.

**Manutenção/assalto de turno:** função discursiva predominantemente interpessoal, pela qual o falante estende o significado aditivo de *e* para um valor discursivo de continuação e o emprega para informar a seu interlocutor que pretende continuar seu turno de fala (manutenção de turno) ou para interromper a fala do interlocutor e sugerir sua intervenção como continuação que contribui com a fala do outro (assalto a turno).

**Introdução de tópico discursivo:** função discursiva predominantemente ideacional, pela qual o falante, novamente atribuindo ao conectivo um valor de continuação, introduz tópicos discursivos ao longo da interação, definindo e organizando, assim, o conteúdo informacional do discurso. O segmento discursivo introduzido é conectado a todo o discurso subsequente, a alguma interação verbal desenvolvida pelos interlocutores em outro momento, ou a um conhecimento de mundo partilhado entre eles. Essa função geral compreende a introdução de um tópico discursivo global, a introdução de Tema, Tópico novo, Tópico dado, Subtópico e Tópico Retomado (DIK, 1997).

**Distinção de unidades discursivas:** função discursiva predominantemente ideacional, pela qual o falante utiliza *e* em associação a outros conectivos (*então, portanto, aí, zero*) para delimitar diferentes unidades discursivas e estabelecer relações funcionais entre elas (como em estruturas argumentativas contendo *posição, argumentação e conclusão*) (SCHIFFRIN, 1987).

**Seqüenciamento retroativo-propulsor:** função discursiva de caráter ideacional, pela qual o falante expande o discurso para frente, conectando novos segmentos a todo um bloco precedente; trata-se de um mecanismo de coesão textual (integrando, portanto, os procedimentos de ordem textual (externa) na superfície discursiva), certamente o de natureza mais neutra, que estabelece uma relação semântica simplesmente de adição entre novas seqüências inseridas e o discurso já enunciado.

**Coordenação de orações sem equivalência funcional:** função pela qual o falante estabelece as condições discursivas necessárias para a enunciação conjunta, integrada de orações que apresentam forças ilocucionárias diferentes entre si ou diferentes graus de comprometimento com a verdade do conteúdo proposicional que expressam. Trata-se de uma função de *e* intermediária entre um uso discursivo e um uso coordenativo mais estrutural, no nível da sentença; ou seja, é uma situação limítrofe entre *e-marcador discursivo* e *e-coordenador*.

**Coordenação assimétrica de orações:** função prototipicamente coordenativa de *e* (como as demais funções daqui adiante) para a qual a definição do processo de coordenação finalmente se aplica integralmente: “construção que consiste de dois ou mais membros funcionalmente equivalentes, conectados no mesmo nível da estrutura por meio de mecanismos de ligação” (DIK, *op. cit.*, p.189). Nessa função, o significado aditivo de *e* assume um valor neutro e abstrato o suficiente para conectar orações que mantêm entre si relações semânticas diversas, responsáveis pela assimetria da construção, como seqüenciamento temporal, causa, conclusão, explicação, adversidade, condição e finalidade. Essa assimetria semântica representa, de certa forma, um tipo de ausência de equivalência funcional (no caso, na camada da predicação), como na situação acima. Porém, esse tipo de construção (a coordenação assimétrica) constitui um caso típico de coordenação, aliás, o caso mais recorrente de coordenação no *corpus*

analisado, ao contrário da coordenação sem equivalência funcional acima, que representa um uso pouco recorrente, se afasta da coordenação prototípica e certamente define uma fronteira entre *e-marcador discursivo* e *e-coordenador*. Por essa razão é que parece necessário e pertinente considerar uma distinção dessa natureza entre coordenação sem equivalência funcional e coordenação assimétrica.

**Coordenação simétrica de orações:** função também prototipicamente coordenativa de *e* em que o conectivo estabelece uma relação semântica puramente aditiva entre as orações conectadas, assumindo um valor funcional-veritativo, ao qual equivale o do operador  $\wedge$  da linguagem lógica.

**Coordenação entre posições de termos:** função predominantemente estrutural de *e* que consiste na expansão da posição de um constituinte na estrutura subjacente da oração; o que é coordenado nesse caso são as posições expandidas de um constituinte *e*, por isso, cada termo inserido em uma dessas posições desempenha funções sintática, semântica e pragmática próprias dentro da oração, embora normalmente equivalentes às dos termos inseridos nas demais posições expandidas.

**Coordenação no interior de posições de termos:** função mais fortemente estrutural de *e*, em que opera a coordenação de constituintes para a formação de um constituinte único, composto; a coordenação se dá, portanto, no interior de uma mesma posição de um constituinte na estrutura subjacente da oração *e*, assim, os termos coordenados desempenham uma mesma e única função sintática, semântica e pragmática.

As considerações acima abordam a multifuncionalidade do conectivo *e* apresentando uma forma de sistematizar seu funcionamento, que pressupõe basicamente distribuir as ocorrências do conectivo entre o nível mais local da organização sentencial e o nível da articulação discursiva mais ampla *e*, em ambos, tratá-las conforme suas funções ideacionais e interpessoais (nos termos de HALLIDAY, 1978).

No entanto, uma questão fundamental ainda não foi mencionada: o que gera a multifuncionalidade do conectivo *e*? Em outros termos, do que decorre a multiplicidade de funções exercidas pelo conectivo *e* e a persistência, em todas elas, de um mesmo traço semântico fundamentalmente aditivo? Este trabalho traz uma discussão sobre a possibilidade de conceber o funcionamento de *e* no português falado, entre outras coisas, como sendo o resultado de um processo de discursivização (MARTELOTTA *et al.*, 1996), que o levaria a assumir funções cada vez mais diversas na organização do discurso, explicando, assim, seu estatuto multifuncional.

Na seqüência, então, vejamos, rapidamente em (2), o que alguns autores falam sobre o processo de discursivização; como as funções de *e* poderiam ser tratadas de acordo com esse processo, em (3); e, finalmente em (4), algumas questões prospectivas para as quais este trabalho aponta.

## 2. Discursivização: aspectos gerais

A discursivização é o processo pelo qual itens lingüísticos assumem a função de marcador discursivo. Martelotta *et al.* (*op. cit.*) propõem que a discursivização, como um processo de mudança unidirecional, leva o elemento a assumir gradativamente funções mais abstratas relativamente à organização do discurso. Assim, o elemento vai perdendo sentido referencial para assumir um conjunto de funções não-discretas, voltadas para a viabilização do processamento discursivo.

Castilho (2003) propõe uma teoria modular da língua, na qual o Léxico é concebido como um conjunto de propriedades abstratas (discursivas, gramaticais e semânticas) anteriores à enunciação. Discurso, Gramática e Semântica, localizados em torno do Léxico, são postulados como módulos que dispõem de regras próprias, situando-se em pé de igualdade uns em face dos outros. Tendo como base essa teoria modular, o autor afirma que é possível propor três grandes processos de constituição da língua: a gramaticalização, a semanticização e a discursivização. Nesse contexto, a discursivização é concebida como o uso discursivamente relevante de itens lexicais, conceito que se aproxima do de Martelotta *et al.* (1996), desconsiderando-se o aspecto modular e multidirecional proposto por Castilho (*op. cit.*).

Os estudos sobre o processo de discursivização, no entanto, são pouco desenvolvidos e se limitam, em geral, à análise de casos específicos desvinculados de uma teoria de discursivização que defina princípios comuns aos diversos casos e identificadores do processo. Segundo Martelotta *et al.* (*op. cit.*), muito pouco se sabe a respeito do processo de discursivização, pois são raros os trabalhos dedicados ao assunto. Os autores dizem que há questões fundamentais ainda sem respostas, para as quais procuram apontar alguns caminhos:

- (i) *O que é de fato a discursivização e o que a motiva?* A discursivização é um processo de mudança lingüística que basicamente gera marcadores discursivos (sendo a função de preenchedor de pausa a que reflete estágios mais avançados de discursivização, por ser a que menos guarda características dos usos originais). O que motiva esse processo é o fato de que o falante precisa de elementos que marquem estratégias interativas no sentido de reorganizar o fluxo do pensamento e, ao mesmo tempo, registrar essa reorganização para o ouvinte.
- (ii) *Que mecanismos efetivam o processo e quais são as suas possíveis trajetórias?* Observando alguns itens e construções que se discursivizam, os autores notam que, em casos como o de *assim*, a trajetória do processo de discursivização é marcada por uma passagem do léxico para o discurso, via gramática. Ou seja, um elemento, inicialmente lexical, passa a ser usado com função gramatical e, em seguida, assume a função de marcador (p.68). No caso de elementos como *sabe?*, *né?*, *entendeu?*, *tá?*, há uma clara passagem do léxico para o discurso, no sentido de que eles deixam de expressar seus sentidos originais para assumir, como perguntas retóricas, a função de marcar estratégias relacionadas ao processamento do discurso. É difícil, contudo, encaixar aí o processo intermediário da gramaticalização, como no caso do elemento *assim*. Ocorre, nesse caso, portanto, uma trajetória léxico > discurso.
- (iii) *Quais os pontos de partida e os resultados do processo?* Os pontos de partida da discursivização tendem a ser elementos lexicais que apresentam um valor semântico que se presta a ser estendido para usos textuais e interativos. Para funcionar como preenchedores de pausas, conseqüentes de perdas da linha de raciocínio, nada melhor, por exemplo, do que elementos que checam a comunicação (*sabe?*, *entendeu?*, *sacou?* etc.) (p.71). Por outro lado, os resultados da discursivização tendem a se identificar com elementos lingüísticos que tendem a apresentar as seguintes características: a) asseguram um ritmo dinâmico aos enunciados emitidos em intervenções longas; b) constituem elementos repetitivos no discurso e não têm valor relacional; c) ocorrem no fim de um sintagma

prosódico; d) são fracos e podem sofrer redução fonética (MARTELOTTA *et al.*, 1996).

Os trabalhos sobre discursivização normalmente são associados ao processo de gramaticalização. Alguns autores referem-se à discursivização com o termo *pós-gramaticalização* (post-grammaticalization). Esse termo, no entanto, segundo Martelotta *et al.* (*op. cit.*) parece impróprio por sugerir um processo posterior à gramaticalização, o que, como apontado acima, nem sempre ocorre. De qualquer forma, dados certos pontos de convergência entre os dois processos, a verificação de como alguns mecanismos e princípios referentes à gramaticalização podem descrever determinados aspectos do que tem sido tratado como discursivização pode propiciar um ponto de partida mais fundamentado para lidar com este último processo. E, inclusive, pode contribuir para definir se é pertinente considerar dois fenômenos diferentes ou se a teoria sobre gramaticalização pode ser estendida para todos os casos, dispensando a postulação de um novo processo de mudança lingüística, discussão em pauta em alguns trabalhos atuais (cf. SOUZA, 2004).

### 3. Valores semântico-discursivos do conectivo *e*

Uma das propriedades mais importantes do funcionamento do conectivo *e*, focalizada nas definições formuladas na seção (1), é a preservação de um mesmo traço semântico, fundamentalmente aditivo, nos seus diversos usos. Esse significado aditivo pressupõe a possibilidade de encontrar sempre, em algum lugar do discurso, pelo menos dois segmentos que estejam sendo relacionados pelo conectivo, um subsequente e um precedente a sua ocorrência. Considerando, então, o grau de explicitação da relação aditiva, o valor de adição parece assumir basicamente três nuances diferentes conforme o papel do conectivo na organização do discurso: **adição** propriamente, **continuação** e **ênfase**.

Vejam os diferentes usos de *e*, como o significado aditivo se manifesta, iniciando pelos exemplos (1) e (2)<sup>4</sup>.

(1) u bandido ficava pulanu di casa em casa *e* ele tava armadu (NEP 19).

(2) aí:: desceru *e* bateru nu luís ... (NEP 03).

No exemplo (1), um caso de coordenação simétrica, é evidente a relação de **adição** devido à presença clara de dois membros coordenados, que são independentes entre si, retêm sua integridade e não adicionam significados um ao outro (CAMACHO, 1999). Em (2), uma coordenação assimétrica, a presença dos membros coordenados e da relação de adição é também evidente. Porém, já há alguma modificação no significado do conectivo que lhe possibilita ocorrer num número muito amplo de contextos semânticos: temporal, causal, adversativo, condicional e final. A aplicação de *e* a esses outros meios semânticos poderia sugerir, a princípio, que o conectivo assume, nesses casos, outros significados, como sucessão cronológica, causa etc. No entanto, o que parece ocorrer é exatamente a situação inversa: haveria, na verdade, uma abstratização do sentido de *e*, uma neutralização, permitindo que ele seja usado num conjunto muito amplo de contextos.

Os dados mostram que o caráter assimétrico da relação estabelecida por *e* parece acompanhar um possível percurso de discursivização dos usos do conectivo. Na

coordenação de termos, além da maior incidência de simetria, relativamente à coordenação de orações e à articulação de unidades discursivas, a assimetria decorre principalmente de razões estilísticas, e não de motivação de ordem semântica como na coordenação de orações. Nos usos mais discursivizados de *e*, por outro lado, a relação assimétrica é o caso predominante.

Vejamos agora (3), (4), (5) e (6).

(3) a Letícia ficô tentandu incaxá a tor::NEra ... ((risos)) na paredi ... i ela ficô lá um tempÃO ... *i* nós rindu (dan) morrendu di dá risada ... *i* ispirrandu água pra tudu ladu *i* a tor::nera na mão da Letícia ... *i*::: aquele mundu di água tudu na ropa da Letícia ... tudu indu na Letícia ...*i*::: u povinhu lá tudo olhandu dandu risada ... aí ... u::/u meninu foi chamá u donu da casa ... *i*:::... eli foi lá i tentô consertá a tor::nera i a genti saiu ... (começ) chegô in casa começamu ri contamu pra todo mundu ... *i*::: a Letícia a Denizi:: *i* ... não a Letícia só tava toda insopada porque ela ficô ... tentandu pôr a tor::nera né ... ((risos)) foi ... um desastre ... *i* u *i* a Denizi ficamu só dandu risada intão não si molhô muito (NEP 21).

(4)  
 L2 eu acho que comer é uma, uma coisa muito séria porque o homem fica muito vinculado a uma dependência e acho que o co(mer) o comer está exatamente dentro dum prato requintado, bem apresentado, **uma mesa bem posta** e que o, eu não sinta, exatamente aquela, aquele momento a necessidade de comer, mas também um prazer e o prazer, não significa/ m/ muito, dentro de um, uma dosagem  
 L1 [é a qualidade  
 L2 natural(mente), exato, qualidade, eu acho que a qualidade, acho um negócio sensacional, inclusive  
 L1 agora, a qualidade  
 L2 digo isso porque eu gosto de fazer  
 L1 essa qualidade vai, vai, vai muda(r)  
 L2 ah! sim!  
 L1 de, de indivíduo  
 L2 pra indivíduo, claro  
 L1 conforme o grau  
 L2 isso  
 L1 porque ele tem inclusive de cultura  
 L2 claro,] **e uma mesa bem posta** por exemplo, eu, eu acho que é uma exigência que, que se faz talvez, por formação já de berço (NURC-D2-PA-291:3).

(5)  
 L1 quer dizer somos de família GRANdes e::... então ach/ acho que::... dado esse fator nos acostumamos a:: muita gente  
 L2 ahn ahn  
 L1 e::  
 L2 **e** daí o entusiasmo para Nove filhos ... (NURC-D2-SP-360:2).

(6) A: Oi, como vai?  
 B: Tudo jóia, você está bem?  
 A: Tudo ótimo. (pausa)  
**E** a faculdade, você se forma este ano? [...]

Em (3), um caso de seqüenciamento retroativo-propulsor (Gorski *et al.*, 2003), já é relativamente mais difícil identificar quais são os segmentos ligados por *e*, mas a função de adição persiste, agora no nível da articulação discursiva mais ampla. O papel do conectivo não é propriamente adicionar um conteúdo para a construção de uma sentença, mas constituir um meio de garantir a continuidade textual. O valor de **continuação** é evidenciado pelo fato de, nesses casos, o conectivo ser, em geral, prosodicamente alongado e precedido de pausa. Esse sentido é evidente também em (4), em que o falante usa o conectivo para dar continuidade a um tópico interrompido momentaneamente. Em (5), ao usar *e* para assaltar o turno conversacional, o falante sugere a sua intervenção como uma continuação da fala do seu interlocutor, e até mesmo como uma contribuição a ela, o que representa uma forma de justificar o assalto ao turno. No exemplo hipotético em (6), vejamos que não há uma expressão anterior ao conectivo à qual o segmento que lhe segue esteja conectado; o falante usa *e* para iniciar um tópico discursivo simulando uma continuação de uma interação anterior ou de um conhecimento partilhado entre os interlocutores – é a isso que o segmento introduzido por *e* está adicionado.

No exemplo (7) abaixo, em que *e* tem a função de focalização, é mais difícil identificar uma relação de adição, pois também não há um segmento anterior ao conectivo ao qual o elemento subsequente poderia estar conectado formando uma construção gramatical (como ocorreria no seguinte exemplo construído: *só carne, impressionante, gorda e mal passada*). Na verdade, *e* conecta um modificador ao constituinte “carne”, e não um outro constituinte funcionalmente equivalente (isto é, que exerça, como “carne”, a função sintática de Objeto, a função semântica de Meta e a função pragmática de Foco, como na coordenação hipotética *eu poderia me alimentar só de carne e pão*). Porém, o uso de *e* propicia um valor de **ênfase** (já que o enunciado poderia ser parafraseado por construções do seguinte tipo: *como se não bastasse o fato de eu poder me alimentar só de carne, eu posso ainda me alimentar de carne mal passada*, ou *eu não só posso me alimentar só de carne, mas de carne mal passada*); e esse efeito parece decorrer exatamente de um significado aditivo básico que o conectivo conserva.

(7)

L1 eu, poderia me alimentar só de carne

L2 só carne?

L1 só carne, impressionante, *e* mal passada (NURC-D2-PA-291:1).

Parece possível detectar, portanto, nos diversos usos de *e*, a presença de um valor semântico fundamentalmente aditivo, que se manifesta como **adição** propriamente, **continuação** e **ênfase**. Em alguns usos, o significado básico de adição é explicitamente evidente (por exemplo, na coordenação simétrica); em outros, porém, é mais difícil reconhecer o significado de adição (como na função de introdução de tópico discursivo global, quando não há sequer um segmento materialmente expresso anterior ao conectivo ao qual o segmento por ele introduzido possa estar adicionado). Porém, mesmo nestes últimos casos, uma análise cuidadosa permite recuperar o sentido de adição. E entre um e outro desses extremos, considerando os diversos tipos de emprego de *e*, é perceptível uma diminuição gradativa na explicitação desse valor semântico aditivo e uma intensificação do caráter discursivo que esse significado pode ir assumindo. É exatamente esse aspecto do funcionamento de *e* que levanta a hipótese de



tratá-lo como um caso de discursivização e de explicar, assim, a sua multifuncionalidade.

No entanto, mais do que sugerir uma trajetória diacrônica de mudança de significado de *e* (o que definitivamente não poderia ser investigado neste trabalho), o objetivo aqui consiste em identificar como se manifesta o significado aditivo nos diferentes usos do conectivo, que nuances esse significado fundamental pode assumir nos seus diversos empregos ao longo da organização do discurso.

Nesse sentido, com base na análise das diversas funções de *e*, parece pertinente admitir as seguintes formas de manifestação do valor semântico de adição:

(8)                                      adição 1 > adição 2 > continuação > ênfase

Da esquerda para a direita, o que ocorre é uma diminuição da relevância do valor semântico no uso de *e* e uma intensificação da relevância da função discursiva que esse significado pode assumir (o que se assemelha a uma trajetória de discursivização) – um processo similar ao que, em gramaticalização, é tratado como *bleaching*, *desbotamento semântico*, *dessemantização* etc.). As funções de *e* sistematizadas acima distribuem-se conforme o *continuum* em (8) da seguinte forma:

<b>adição 1</b>	<b>adição 2</b>	<b>continuação</b>	<b>ênfase</b>
Coordenação Simétrica	Coordenação Assimétrica, Coordenação sem Equivalência Funcional	Seqüenciamento retr-prop., Distinção de Unidades Discursivas, Introdução de Tópico, Manutenção/Assalto de Turno	Focalização

#### 4. Considerações finais

A essa diversidade de funções do conectivo *e* e à persistência em todas de um mesmo traço semântico-discursivo de adição, tenho atribuído o nome de **multifuncionalidade**. Trata-se de um conceito ainda a ser definido precisamente, mas que, se entendido na linha aqui delineada, parece responder satisfatoriamente ao comportamento de *e*.

A verificação mais apurada de uma possível trajetória de discursivização de *e* depende de um trabalho de ordem diacrônica. O objetivo aqui é tão somente levantar a hipótese de que o conectivo constitua um caso de discursivização e de que isso explique sua multifuncionalidade e reunir alguma contribuição para a discussão do conceito de multifuncionalidade do processo de discursivização.

Este trabalho suscita, portanto, as seguintes questões como passos prospectivos:

- (i) é, de fato, possível e pertinente identificar um traço semântico básico de adição nas diferentes funções do conectivo *e*?
- (ii) se respondida afirmativamente a questão acima, o *continuum* em (8) seria a forma mais adequada de lidar com o comportamento semântico-discursivo de *e*?
- (iii) como poderia ser definido um conceito de multifuncionalidade e até que ponto o funcionamento de *e* pode ser relacionado ao que tem sido tratado por alguns autores como processo de discursivização?

---

<sup>1</sup> Este trabalho reúne parte dos resultados obtidos na dissertação de mestrado *Multifuncionalidade e Níveis de Análise: o papel do conectivo e na organização do discurso* (FAPESP – Proc: 02/10807-4), desenvolvida junto ao programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, na UNESP/S.J.Rio Preto, sob a orientação de Roberto Gomes Camacho.

<sup>2</sup> Aluno de Doutorado no IEL/UNICAMP – CNPq (Proc: 140140/2005-0); orientadora: Ingedore Villaça Koch.

<sup>3</sup> Para uma explicação detalhada de cada uma das funções de *e* e do modo como estão sistematizadas no quadro, ver Penhavel (2005).

<sup>4</sup> O *corpus* utilizado na pesquisa inclui os inquéritos D2 do *corpus* mínimo usado no Projeto de Gramática do Português Falado, seleção operada sobre o material coletado pelo Projeto NURC/Brasil, e uma amostra de 60 narrativas de experiência pessoal organizada junto ao Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da UNESP/S.J.Rio Preto.

## Referências bibliográficas

CAMACHO, R. G. Estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado – v.VII: Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas/FAPESP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p.351-405.

CASTILHO, A. T. *Proposta funcionalista de mudança lingüística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas*. Primeira versão, 2003.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. N.York: Mouton de Gruyter, 1997.

GORSKI, E. M. *et al.* Fenômenos discursivos: resultados da análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7letras, 2003, p.106-122.

HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem (Tradução de Rodolfo Ilari). In: DASCAL, M. (org). *Fundamentos metodológicos da lingüística*. v.1. São Paulo: Global, 1978, p.125-161.

MARTELOTTA, M. E. *et al.* (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PENHAVEL, E. *Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel do conectivo e na organização do discurso*. São José do Rio Preto, 2005, 132p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto – FAPESP (Proc: 02/10807-4).

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SOUZA, E. R. F. *Os advérbios de tempo e lugar no português do Brasil: casos de gramaticalização ou de discursivização?* Projeto de doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2004 – FAPESP (Proc: 04/10894-0).